

Um século de Eça na Hungria

F e r e n c P á l

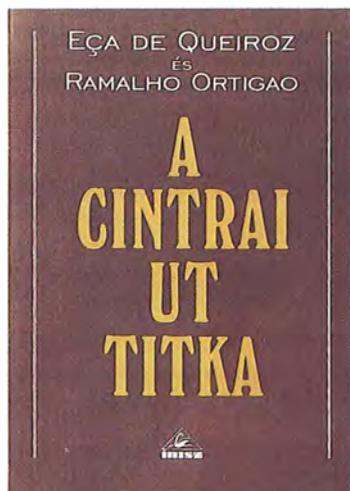
O CONHECIMENTO DE EÇA DE QUEIRÓS NA HUNGRIA remonta aos últimos decénios do século passado. O seu nome aparece já nas enciclopédias e histórias literárias editadas na Hungria naqueles anos¹, e em 1886 o público já pôde ler a tradução *d'O Mistério da Estrada de Sintra*² nas páginas do jornal de Budapeste, intitulado *Pesti Hírlap*. Esta primeira tradução de uma das obras de Eça de Queirós, como já mencionámos noutra ocasião, apresenta algumas particularidades estranhas. A primeira é que, apesar de já aparecer na bibliografia de Ernesto Guerra Da Cal³ (aliás com alguns erros, resultado do desconhecimento da língua húngara, e datando a publicação, erroneamente, de Setembro-Outubro de 1886), inexplicavelmente não estava presente no conhecimento literário húngaro até à reedição do texto em 1999. Todas as fontes de informação, incluindo os trabalhos sobre o escritor ou/e a sua obra a que fazemos uma referência mais tarde, passam por alto esta presença secular de Eça no nosso país, com a única excepção da *Enciclopédia Grande da Révai*⁴.

O Mistério da Estrada de Sintra – traduzido para o húngaro com o título de *A cintrai ut titka* conservando a antiga ortografia e apresentando os nomes dos dois autores por ordem inversa à da primeira publicação de 1870 (põe em primeiro lugar o de Eça) fazendo supor, na nossa opinião, desta forma, que o tradutor utilizou a edição de 1885, de Eça – saiu entre 19 de Junho e 29 de Julho de 1886, em 41 peças, na secção permanente «Átrio de Romances» do *Pesti Hírlap*.

Graficamente, sob o título da obra e a indicação do género, aparece o nome do tradutor e a indicação de que «foi traduzido de português». Esta referência que, por exemplo, no caso dos romances ingleses nem sempre figura, além de anunciar a nacionalidade dos autores, frisa que a obra não foi traduzida de

O Mistério da Estrada de Sintra.
Tradução de Ede Somogyi.
Budapeste, 1999.

Capa de *O Crime do Padre Amaro.*
Budapeste, edição de 1977.



uma língua intermediária como naquela altura acontecia muitas vezes em caso de línguas menos conhecidas como era também o português. Contudo, encontramos outros indícios de que o tradutor, Ede Somogyi, trabalhou com um texto português. Em primeiro lugar devemos mencionar que o tradutor foi um homem de letras de renome naquela época. Traduziu várias obras da literatura mundial, foi intérprete e autor de gramáticas francesa e italiana, supondo-se assim que falava ou pelo menos entendia português. Além disso, certos pormenores do texto húngaro revelam também que o romance foi traduzido directamente da língua original. No início do romance aparece a palavra «charneca», com uma nota de rodapé, explicando o significado deste termo ao leitor húngaro. No final do capítulo IV da «Exposição do Doutor***», estão intercalados no texto húngaro os versos da quadra *Escrevi uma carta a Cupido*, em português; da mesma forma no capítulo XV da «Narrativa do Mascarado Alto» transcreve-se em português a balada do *Rei de Tule* de Goethe. Além disso, enquanto uma das figuras, Carmen, aparece com o designa-

tivo «señorita», transcrito segundo a ortografia húngara, ou seja «*senyorita*», o designativo «senhora» correspondente à condessa conserva a sua ortografia vernácula. Também aparece no texto a palavra portuguesa «Fulano» a qual o tradutor por lapso, ou por certo desconhecimento da língua, considerava um apelido e não o traduziu com o seu equivalente húngaro.

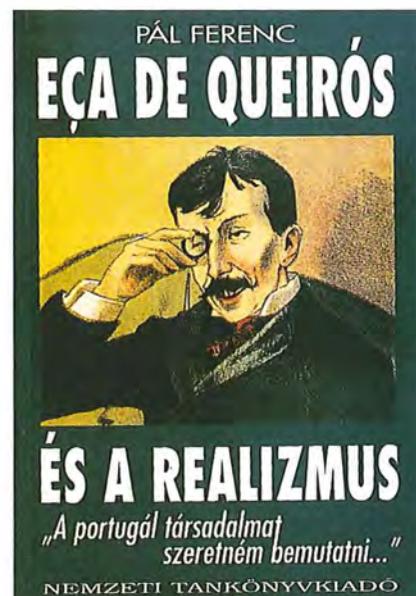
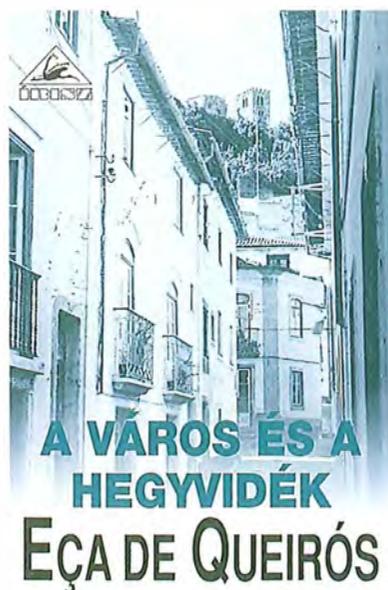
A característica mais curiosa desta tradução húngara d'*O Mistério da Estrada de Sintra* é o facto de a não podermos apelidar propriamente de tradução, mas antes qualificá-la como uma peculiar re-formulação do texto original. Contudo, não se trata de uma reelaboração ou uma livre versão como acontecia, por exemplo, na primeira tradução alemã d'*O Primo Basílio* (como sabemos através dos estudos referentes realizados por Manuela Nunes⁵), senão de subordinar o texto traduzido a uma pré-concepção do tradutor e talvez às indicações da redacção do jornal *Pesti Hírlap*. Acrescentaríamos ainda uma certa pressa, pois o tradutor devia fazer diariamente uma determinada quantidade de texto para manter a publicação contínua. Como consequência deste trabalho tenso resultam, talvez, os lapsos do tradutor que repetidas vezes comete equívocos. Assim, em lugar de «homem inglês» traduz «ancião»⁶ ou noutro lugar D. Nicazio Puebla, o «comerciante de sedas» resulta ser um «agente de cadeiras»⁷, e assim por diante. Podemos mencionar também as traduções descuidadas (ou chamadas «explicativas») quando o tradutor dá rédeas soltas à sua fantasia e ao texto. Assim podia, por exemplo, aparecer em vez do lacónico «Continuarei», em português, a frase diluída «Mas vou mandar-lhe a continuação de tudo isso», no texto húngaro. •

Cotejando o texto húngaro com o original, pode-se notar que a partir de certa altura

faltam cada vez maiores fragmentos do romance⁸, como se o tradutor quisesse contra-balançar a diminuição da tensão que o texto apresenta. Sabemos das análises da professora Ofélia Paiva Monteiro⁹ que este romance sofre realmente uma mudança de tom depois da «Segunda Carta de Z», após a qual, com as longas divagações líricas do A. M. C. e da condessa, a obra vai ser dominada cada vez mais por um romantismo piegas. É exactamente a partir desta hipotética linha divisória que o tradutor vai omitindo trechos cada vez mais extensos que, em soma, ultrapassam os quinze por cento do texto completo¹⁰. Além da omissão dos trechos líricos, podemos observar também a tendência de suprimir as referências culturais havidas no texto, como, por exemplo a referência a Baudelaire, às óperas românticas, etc¹¹.

Podemos notar que o tradutor d'*O Mistério da Estrada de Sintra* subordinou a sua tradução às exigências (hipotéticas ou não) do jornal, que talvez pensando nos seus leitores preferia manter o ambiente detectivesco e por isso sacrificou aquelas partes do texto nas quais nós já vemos a maneira incipiente do Eça maduro: o tratamento irónico do romantismo piegas, o longo desdobramento de um ou outro episódio. O que não se compreende bem é a omissão das referências culturais, porque à sociedade húngara das últimas décadas do século XIX, em princípio, não deveriam ser alheios estes tópicos da cultura pós-romântica – a não ser que se considerassem contrários à moral (contudo, não acreditamos que a sociedade húngara tivesse sido mais severa neste sentido que a portuguesa de então).

Havemos de ver mais dois fragmentos do romance, a revista militar no campo de Longchamps e a despedida da condessa com Fradique Mendes onde ele acha «interessante ver matar prussianos»¹². A omissão destas duas



partes, onde Eça de Queirós se exprimia instigado pela sua francofilia, pode ser explicada por motivos políticos. Dado que a Monarquia Austro-Húngara tinha uma orientação alemã, era preferível não aparecerem trechos tão vivamente anti-prussianos como estes, motivados pela viva simpatia do escritor pela França.

Em conclusão, podemos dizer que esta tradução de 1886 d'*O Mistério da Estrada de Sintra*, embora não fosse fiel ao original e fizesse deste romance de Eça de Queirós (e de Ramalho Ortigão) um puro romance detectivesco, reflecte bem o ambiente do final do século passado quando a sociedade húngara em rápido desenvolvimento sentia um ímpeto de devorar tudo que oferecia «algo nuevo», para citar as palavras de Eça. Trata-se de uma época quando a par de obras feitas com grande cuidado e esmero, aparece no mercado a produção cultural em massa, o que neste nosso caso especial significa muitas traduções feitas de afogadilho, com erros

A Cidade e as Serras, tradução de Laura Lukács. Budapeste, 2000.

Ferenc Pál, *Eça de Queirós e o Realismo*. Budapeste, 1995.

e lapsos parecidos aos que esta tradução em questão apresenta.

Como dizíamos, a tradução d'*O Mistério da Estrada de Sintra* passou despercebida porque, por estranho que pareça, fez menção dela apenas uma obra de referência, a *Enciclopédia Grande da Révai*¹³, que por um juízo comum é considerada bastante superficial, salvo este caso. Tendo estudado as enciclopédias e histórias literárias das primeiras décadas do século XX, pudemos notar que o nome Eça de Queirós, de uma forma ou de outra, aparece em todas elas: assim supõe-se um conhecimento relativo dele no âmbito intelectual. Contudo é surpreendente aquela intimidade com a qual um intelectual dos anos 1930, Sándor Benamy, escreve sobre Eça de Queirós nas suas memórias¹⁴: «Naquela altura, recebi uma notícia literária interessante e ao mesmo tempo importante: tornou-se livre o direito de autor das obras do escritor português, Eça de Queirós». Esta notícia entusiasmou-o tanto que logo resolveu publicar, em húngaro, *O Crime do Padre Amaro*, aquele único livro de Eça de Queirós que logrou obter. A forma como adquiriu este romance em português, não o sabemos do seu relato, onde faz um mini-ensaio (bastante tendencioso) sobre a figura e obra do escritor e relata pormenores sobre a forma como sua mulher realizou a tradução d'*O Crime do Padre Amaro*¹⁵.

Este entusiasmo de Sándor Benamy pela obra de Eça de Queirós é o entusiasmo de um intelectual de esquerda que naquela época via na obra queirosiana (como também na obra de muitos outros escritores como Solohov, Renan, etc.) apenas uma arma contra o «clero latifundiário» na Hungria. Não sabemos como resultou a tradução em húngaro, porque o romance foi publicado só em 1961¹⁶ e com uma colaboração de Ferenc

Kordás, poeta, tradutor e reconhecido especialista em português, que leccionou português na Universidade de Budapeste nos anos posteriores a 1947.

A edição húngara de 1961 d'*O Crime do Padre Amaro*, como era costume naqueles anos, tem muitas notas de rodapé (para explicar o sentido de certos termos em latim e outras línguas aos leitores «desprevenidos»), artísticas ilustrações e um longo posfácio¹⁷. Este posfácio apresenta Eça desta forma: «Um clássico desconhecido. Ou seja, desconhecido só entre nós. Porque após o grande épico-lírico do século XVI, Camões, Eça também conseguiu ultrapassar as barreiras linguísticas e dissipar aquele encantamento malvado que tornou desconhecida a literatura do povo português adormecido com um sono triste e letárgico depois das destemidas aventuras cavaleirescas, e entrando ele também na consciência literária universal»¹⁸.

O autor do posfácio, de um lado, parece ignorar os antecedentes quanto ao conhecimento de Eça e mesmo aquilo que então se sabia dele¹⁹, mas, por outro lado, aparenta um conhecimento geral muito pormenorizado da vida e obra do escritor português, citando frases das cartas dele, pareceres dos seus coetâneos e fazendo referências a acontecimentos literários da época em que Eça viveu, para não falar sobre a evocação quase visual da estátua do escritor que o autor do posfácio certamente não podia ver. No entanto, o apegamento ao ambiente português do qual brotou a obra do romancista tem um quê de tom alienante: baseia-se na visão de Unamuno que aparece neste posfácio, através das repetidas citações, como a primordial fonte sobre Portugal e portugueses. A tendência, que já mencionei, de fazer da obra queirosiana uma arma política contra as «forças do passado» (não se deve esquecer que esta primeira edi-

ção saiu na Hungria de 1961, quando as artes foram subordinadas à batalha ideológica), assume também neste posfácio com frases como esta que passo a citar: «*A campanha anti-burguesa [de Eça] tem o seu auge em 1880 n'O Mandarim onde, partindo de uma fábula rousseana, desenvolve uma sátira de todo o sistema capitalista e da moral capitalista*». Por sorte, e graças ao bom senso do autor do posfácio, só raramente deparamos com tais frases.

Esta edição d'O *Crime do Padre Amaro* tem também uma recensão crítica²⁰ na qual um hispanista da época, László András, faz conhecer o romance, qualificando-o como «*um descobrimento grande e feliz*», porque durante a leitura «*deleitamo-nos não apenas com o desenho psicológico ora ténue ora robustamente exacto [das personagens], senão também com o desenvolvimento constante, o fervilhar da sociedade e com aquela segurança – já de uma perspectiva histórica – com a qual Eça de Queirós intui, agarra e desenha o momento histórico imediatamente anterior ao momento de ebulição. Dez anos depois da morte do escritor, em 1900, Portugal torna-se República*». Além destas frases que refletem a retórica da época, felizmente há espaço para analisar o desenho dos amores de Amaro e Amélia, e a imagem do Portugal inteiro mostrado num ambiente duma cidade provincial que «*colocam Eça de Queirós entre os grandes clássicos da literatura universal do seu tempo*».

O autor da recensão acha estranho que a tradução do romance fosse feita por duas pessoas, e sublinha os erros e torpezas do texto húngaro que, como ele diz, vão-se diminuindo no decorrer da leitura.

A evidência destas torpezas da tradução podem-se notar não apenas através de uma comparação do texto de 1961 com o original, como ainda do facto de a segunda edição d'O

Crime do Padre Amaro ter saído com um texto corrigido e emendado. Aliás, esta edição de 1977 parece ter sido realizada com mais cuidado: aparece nela a indicação da edição que serviu de base para a tradução (indicação que faltou na primeira edição) sendo o texto húngaro mais vernáculo.

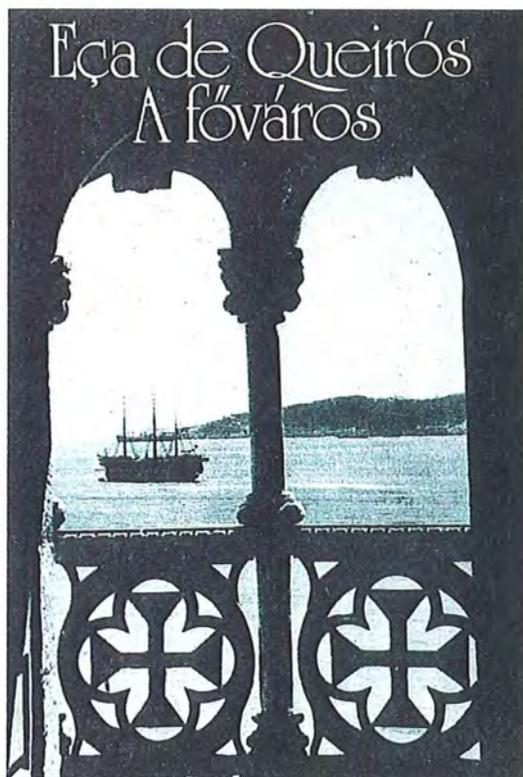
O texto de 1961 sofreu pequenos retoques, como por exemplo: «Carlos, o boticário» passou a «Carlos, o farmacêutico»²¹ ou um pouco mais adiante, falando sobre José Miguéis: a tradução literal de «não compreendia certas sensibilidades...»²², de 1961 aparece um pouco mais amaneirado no texto emendado de 1977: «não tinha demasiado senso por certas...»²³. Desta forma o texto resulta numa leitura fácil e aprazível, identificando-se com a linguagem dos romances húngaros das últimas décadas do século XIX; ao mesmo tempo é um pouco mais requintado, amaneirado, menos fiel ao texto original.

O *Crime do Padre Amaro* foi, naquela época, um verdadeiro êxito editorial. A tiragem das edições de 1961 e 1977 e a de uma co-edição húngaro-romena, em 1982, para os húngaros que ficaram no território da Transilvânia, que após o tratado de paz de Trianon passou a fazer parte integrante da Roménia, atingiu ou levemente ultrapassou os cem mil exemplares.

Nestes anos também apareceram dois fragmentos de obras de Eça de Queirós. Um breve trecho de *A Relíquia* e um de *O Conde D'Abranhos*, em sebatas, ou seja, antologias destinadas ao ensino superior de literatura²⁴.

A última publicação queirosiana saiu recentemente, neste ano: é a tradução de *A Cidade e as Serras*²⁵.

As outras publicações queirosianas que queremos mencionar são da pena do autor deste trabalho, assim tratamo-las de uma forma mais abreviada.



Em 1982, a defender o mestrado sobre a fase realista de Eça de Queirós²⁶, nasceu a primeira análise de maior envergadura sobre o escritor português. Neste trabalho tentou-se demonstrar – discutindo com a tese de György Lukács sobre o romance realista – que Eça de Queirós dentro dos limites mais estreitos da sociedade portuguesa de então conseguiu abarcar «uma Totalidade» da vida portuguesa. Este trabalho depois foi aumentado, de forma que servisse para o conhecimento global da obra queirosiana e das condições sociais e literárias que o criaram, e foi publicado em 1995, com o título, *Eça de Queirós e o realismo*²⁷. Foi neste mesmo ano, que comemorando os 150 anos do nascimento do autor, se publicou um artigo, no qual se fala sobre a actualidade da atitude e

obra de Eça, com o título parafraseando uma frase do romancista²⁸.

Foi o autor deste artigo que traduziu *A Capital*²⁹, e editou o texto de 1886 de *O Mistério da Estrada de Sintra*, complementando-o com os fragmentos passados por alto na publicação de 1886, fazendo notas e escrevendo um prefácio explicativo para os leitores da actualidade³⁰.

¹ *A Pallasz Nagy Lexikona* («Grande Enciclopédia da Pallasz»), I-XVIII, Budapeste, Pallasz Irodalmi és Nyomdai Részvénytársaság, 1893-1900.

² *A cintrai ut titka*, trad. de Ede Somogyi, Budapeste, Pesti Hírlap (1878-1944), ano IX, de 19 de Junho a 29 de Julho de 1886, pp. 10-11 (ou 12).

³ *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*, Editorial Aster, 1967.

⁴ *Révai Nagy Lexikona I-XIX*, Budapeste, Révai Testvérek Irodalmi Intézet Részvénytársaság, 1911-1926.

⁵ Manuela Nunes, «As traduções alemãs de *O Primo Basílio*», in *IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, 5 a 8 de Setembro de 2000.

⁶ No capítulo IV da «Exposição do Doutor***» a frase «*Pela fisionomia, pela construção, pelo corte e cordo cabelo, aquele homem parecia inglês*» (p. 1286), em húngaro acaba assim, re-traduzido para português: «pela cabeça e cabelo aquele homem parecia um ancião» (p. 36). As frases citadas são das *Obras de Eça de Queirós*, Porto, Lello & Irmão Editores, e das respectivas edições húngaras, mencionadas no texto e nas notas.

⁷ No capítulo III da «Narrativa do Mascarado Alto», nas páginas 1336 e 102, respectivamente.

⁸ Eis os fragmentos deixados fora do texto de 1886: lembranças do A. M. C. sobre a sua mãe (no capítulo I das «Revelações de A. M. C.»); descrição do interior do palácio da condessa (no capítulo IV das «Revelações de A. M. C.»); descrição da condessa desmaiada e as associações literário-artísticas que esta cena evoca, *idem*; revista militar no campo de Longchamps (no capítulo I de «A Confissão d'Ela»); reflexões da condessa (no capítulo III da mesma sequência); apresentação dos participantes do sarau no palácio da viscondessa e a descrição de Fradique Mendes (no capítulo V da mesma sequência); meditações da condessa sobre a mulher de amores ilegítimos e das honestas esposas e mães (no capítulo VII da mesma sequência); reflexões líricas de A. M. C. sobre o enterro de Rytmel (no capítulo I da sequência «Concluem as Revelações de A. M. C.») aparecendo no texto húngaro apenas o simples acto do enterramento; a ida e entrada da condessa no convento (no capítulo II da mesma sequência).

- ⁹ Esta análise a que nos referimos encontra-se em forma resumida no *Dicionário de Eça de Queirós*, pp. 407-408.
- ¹⁰ Na nossa palestra, proferida no *IV Encontro Internacional de Queirosianos* (Coimbra, 5 a 8 de Setembro de 2000), considerámos a «Narrativa do Mascarado Alto» uma parte transitória, onde, das aproximadamente 80 páginas, faltam na tradução húngara duas e meia (quando das 70 páginas do primeiro bloco faltava menos de uma página); mas das últimas 80 páginas já faltam 30, quer dizer quase quarenta por cento do texto. Esta contagem, um pouco aproximativa, foi feita com base da reedição húngara (*A cintrai út titka*, Budapest, Íbisz Könyvkiadó, 1999) do texto de 1886, que suprimos com os trechos omitidos.
- ¹¹ Assim, os cabelos de Carmen «anelados, abundantes, desses a que Baudelaire chamava tenebrosos» (p. 1336) na tradução húngara resultam apenas «abundantes e negros» (p. 103), e também fica abolida aquela parte do capítulo III e V da sequência de «A Confissão d'Ela» onde se faz menção das figuras femininas (Traviata, Elvira etc.) das óperas românticas (p. 1406), se fala da figura de Baudelaire, da escola satanista, o Satã de Ary Scheffer e Rigolboche (p. 1412), e umas 10 páginas mais tarde sobre Swedenborg e dos amores de Paolo e Francesca de Rimini (p. 1421).
- ¹² No capítulo I de «A Confissão d'Ela», pp. 1400-1404 e capítulo V da mesma sequência, p. 1418.
- ¹³ *Révai Nagy Lexikona*, vol. 6, p. 104: «Magyar fordításban megjelent: A cintrai út [sic] titka (Pesti Hírlap, 1886 évfolyam)» ou seja: «Foi publicado em tradução húngara *O Mistério da Estrada de Sintra*, (Pesti Hírlap, ano1886)».
- ¹⁴ *VII. Izétől Szent József Attiláig*, Budapest, Epoque, 1980. O trecho referido é o capítulo 23 do livro, pp. 92-95.
- ¹⁵ Apesar de não estarmos de acordo com o que Sándor Benamy escreve, antes pelo contrário, achamos tão curioso este texto que o acrescentamos em anexo ao nosso trabalho.
- ¹⁶ *Amaro Atya bíme*, Budapest, Magyar Helikon, 1961.
- ¹⁷ Da autoria do redactor de então do livro, János Benyhe, hoje escritor e literário de renome.
- ¹⁸ Postfácio da primeira edição húngara d'*O Crime do Padre Amaro*, intitulado Eça de Queiroz, *Amaro atya bíme*, p. 365.
- ¹⁹ Sem pretender entrar em pormenores filológicos, queremos só fazer referência à forma como o título de «O Mistério da Estrada de Cintra/Sintra» aparece neste posfácio: «A sintrai út rejtélye», que difere da forma do título, como o cita uma enciclopédia editada neste tempo (*Új Magyar Lexikon*, vol. 2, p. 118); «A cintrai út titka». Aquela variante lembra o título proposto por Pál Rónai, autor do verbete de Eça da *Világirodalmi Lexikon* («Enciclopédia da Literatura Mundial», Budapest, Akadémiai Kiadó, vol. 2, 1972, p. 942): «A cintrai országút rejtélye», sendo o único historiador de literatura que utiliza esta variante (que se explica com que vive afastado do meio húngaro, no Brasil) que deve ter influenciado o autor do posfácio.
- ²⁰ *Egy ismeretlen portugál klasszikus* («Um desconhecido clássico português»), na revista de literatura mundial, intitulada *Nagyvilág*, ano VII, nº 5, Maio de 1961, pp. 765-766.
- ²¹ «Carlos, a patikus», p. 5; «Carlos, a gyógyszerész», p. 5.
- ²² P. 33.
- ²³ «...nem értette meg az ájtatosság bizonyos...», p. 5; «...nem sok érzéke volt», p. 5.
- ²⁴ *Ereklye*, traduzido por Éndre Gáspár, in *Világirodalmi antológia*, Budapest, 1956. *Abranhos gróffja*, traduzido por György Hargitai, in [Benyhe János] *Dél-európai népek irodalma*, Budapest, Tankönyvkiadó, 1969.
- ²⁵ *A város és a hegyvidék*, traduzido por Laura Lukács, Budapest, Íbisz Kiadó, 2000.
- ²⁶ *A portugál társadalmat szeretném bemutatni* («Quero mostrar a sociedade portuguesa»).
- ²⁷ *Eça de Queirós és a realizmus*, Budapest, Nemzeti Tankönyvkiadó, 1995.
- ²⁸ «*Ha van olyan társadalom, amely bosszúálló művész után kiáltezaz*» (Egy százötven éve született portugál író időszerepítése – Actualidade de um escritor português nascido há 150 anos: Eça de Queirós), *Polisz*, 1995, nyár.
- ²⁹ *A főváros*, Budapest, Európa könyvkiadó, 1989.
- ³⁰ *A cintrai út titka*, Budapest, Íbisz Könyvkiadó, 1999.

Fragmento do livro do Coiso VII até o Santo Attila József de Sándor Benamy, que relata como se preparava um intelectual de esquerda na Hungria nos anos 1930 para traduzir O Crime do Padre Amaro de Eça de Queirós. O documento é digno de interesse por aquela interpretação curiosa e subjectiva, muito partidária, que este intelectual húngaro dá à figura e obra de Eça.

► Naquela altura, recebi uma notícia literária interessante e ao mesmo tempo importante: tornou-se livre o direito de autor das obras do escritor português, Eça de Queirós. Livre não apenas por causa das questões financeiras, ou seja, que não se tinha de pagar pela publicação, senão também porque o seu filho reaccionário, representante em Lisboa da companhia aérea

alemã Lufthansa, já não podia proibir a publicação do espólio muito molesto para ele, pois este tornou-se propriedade pública.

O 'bastardo' ilegítimo, Eça de Queiroz, criado por uma campesina, chegou a ser um vástago tardio do tronco dos génios Cervantes-Dalzac-Hugo-Flaubert. A sua figura alta, magra e curvada, a sua capa abotoada até à altura do

pescoço, os cabelos caídos zoa testa, os dedos a desenhar curvas fantásticas no ar, todo o seu aspecto – puseram em tensão os nervos da burguesia portuguesa.

A metade dos habitantes do país ainda era analfabeto. Os terratenentes viviam a sua vida em Paris e no Rio de Janeiro.

Queirós mandou nomear-se cônsul em Havana... e quando no Ministério dos Negócios Estrangeiros de Lisboa se deram conta – já amotinou os escravos em todo o território de Cuba.

Tive tanta sorte que chegou a parar nas minhas mãos o mais excepcional dos seus romances, *O Crime do Padre Amaro*. Um mundo de latifundiários, de clérigos, de senhoras hipócritas, de inocentes seduzidos, de preconceitos, superstições, bisbilhotices. E no primeiro lugar o pároco provincial, libidinoso, egoísta, desconsiderado, desalmado – ídolo das mulheres: o Amaro de boa postura. E a sua vítima: Amélia [sic]... sacrificada por forças nada 'cegas'.

Podia encontrar uma editora para esta obra? Ou talvez alguma que o apoiasse economicamente? E se o publicasse, poderia divulgá-lo? Não seria confiscado?

Pois tinha ainda tanto poder o clero latifundiário!

De toda forma aventurei-me. A minha mulher encarregou-se de traduzir o romance. Ficou fascinada pela história. Para poder revê-la melhor, aconselhei-a a que procurasse um lugar onde viviam figuras semelhantes podendo assim observar tipos semelhantes, entre condições sociais semelhantes, desta forma a tradução, nas suas expressões, nos seus impulsos poderia ficar muito perto do original.

Não tivemos de procurar muito um tal lugar. O irmão mais velho e a sua esposa eram médicos rurais na região de Mezôség, na vila K. Eu estive aqui mais de uma vez. Aqui ela encontrou tudo que era necessário. Um boticá-

rio que estava enfadado com o médico porque este não receitava aos seus clientes, mormente homens pobres, medicinas caras. A bisbilhoteira, uma solteirona, com rendas na gola da roupa, com cabelos reunidos em molho. O cantoneiro baixote que estava aborrecido com aquelas poucas famílias que: 'pois, mandavam fazer casa de banho!' O clérigo católico que desdenhava o pastor protestante porque este trabalhava, como os camponeses, na sua terra. O juiz local, elegante, e o notário com uma sua senhora aborrecida, saudosa, que jogavam à bola e bebiam cerveja, aos Domingos. E velhos criados que beijavam a mão aos dois terratenentes locais... Podia-se ver também muitas superstições [...]

A minha mulher trabalhou aqui, durante meses, na casa do médico rural, muito tranquilo, a traduzir *O Crime...*, com excepção das horas da consulta, porque de dia o médico visitava os clientes da zona. A minha mulher uma vez chegou mesmo a ir até a aldeia Mész-kó para chorar sobre o túmulo de Ferenc Balázs, que morreu jovem, havia um ano. Tínhamos muita simpatia por este escritor que trabalhava por amparar o povo – que era aliás o pastor unitário daquela aldeia...

[...]

Foi feita a tradução do romance queiroisiano e o apresentámos na Procuradoria mas neste momento parou a sua carreira na Hungria. Foi o chefe de secção, dr. Tibor Lee, homem esclarecido, de origem inglesa, que proibiu a edição da obra.

(Passaram muitos anos até à sua publicação em Budapeste, com colaboração de um perito em português. E teve muito êxito!)

(Sándor Benamy: VII. Izétöl Szent, Iózséf Attiláig; Budapest, EPOCHA, 1980, pp. 92-95)

[Apresentado e traduzido por Fernando Costa, em colaboração com Ferenc Pál]